CUIDAR, EDUCAR E BRINCAR: OS PILARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

LUCICLEIDE PESSOA ALVES

RESUMO

A educação nos primeiros três anos de vida é vista como um desafio: antes de tudo, ir além de uma abordagem de bem-estar, que se concentra na satisfação das necessidades básicas da infância, como nutrição, saúde e cuidados com bebês e crianças e em segundo lugar, a necessidade de serviços de qualidade para o cuidado e educação desta faixa etária. Portanto, é necessário desenvolver propostas de trabalho pedagógico que proporcionem, nesta fase da vida, possibilidades de ensino e aprendizagem de acordo com suas necessidades e interesses. Dentro desse contexto, três pilares se destacam como fundamentais: cuidar, educar e brincar. Esses aspectos complementares se entrelaçam e proporcionam uma experiência rica e significativa para os pequenos. Primeiramente, o cuidar representa a preocupação com o bem-estar e a saúde das crianças. É necessário criar um ambiente acolhedor, seguro e afetivo, no qual elas se sintam protegidas e amparadas. O cuidar também abrange a observação atenta de cada criança, permitindo identificar suas necessidades individuais e oferecer suporte personalizado. Em segundo lugar, a educação é um pilar indispensável na educação infantil. Por meio de práticas pedagógicas adequadas à faixa etária, os educadores estimulam o desenvolvimento cognitivo das crianças, promovendo o seu interesse pela aprendizagem. Por fim, o brincar desempenha um papel primordial na educação infantil. Por meio do ato lúdico, as crianças exploram o mundo ao seu redor, experimentam diferentes papéis sociais, desenvolvem a imaginação e a criatividade, além de aprimorarem suas habilidades motoras.

Palavras-chave: Aprendizagem; Interesses; Necessidades.

INTRODUÇÃO

Hoje, à medida que avançam dois estudos em neurociências (PERALTA, 2004), está comprovado que meninos e meninas, a partir do momento em que são concebidos, começam a desenvolver suas faculdades de aprendizagem. Portanto, é fundamental a criação de ações curriculares que contemplem todas as intenções pedagógicas para atender e satisfazer as necessidades essenciais dos bebês e suas demandas de aprendizagem em ambientes que os reconheçam como seres inseridos em contextos históricos, sociais e culturais com características particulares.

Os bebês e crianças aprendem desde o momento da concepção e, por isso, o desenvolvimento humano é estimulado e potencializado no útero e, posteriormente, acompanhado por pessoas que medeiam esse processo. Por essa razão, considera-se essencial reconhecer a importância da fase de dois ou três anos, motivo pelo qual existem algumas orientações curriculares em relação ao processo de ensino (FUJIMOTO, 2002; MYERS, 2000; PERALTA, 2005; PERALTA E FUJIMOTO, 1998).

Esta pesquisa reafirma que, para a mediação pedagógica nas escolas de Educação Infantil, é fundamental conhecer as opiniões e percepções dos envolvidos no desenvolvimento de um currículo que atenda às necessidades das crianças nessa fase. Considera-se, portanto, que a consulta a professores, famílias e creches especializadas em educação infantil proporciona uma visão mais ampla sobre o que deve ser estabelecido na relação entre cuidado e educação nos três primeiros anos de vida.

Ao consideramos que a Educação Infantil envolve simultaneamente cuidar e educar, vamos perceber que esta forma de concebê-la vai ter consequências profundas na organização das experiências que ocorrem nas creches e pré-escolas, dando a elas características que vão marcar sua identidade como instituições que são diferentes da família, mas também da escola (aquela voltada para as crianças maiores de sete anos. (BUJES, 2001, p. 17)

Além disso, como afirma Fujimoto (2002), investir no desenvolvimento das crianças de 0 a 3 anos é trabalhar em benefício da sociedade. Quando têm uma infância feliz, com condições básicas de desenvolvimento que lhes permitam satisfazer suas necessidades físicas, emocionais e intelectuais, criam-se cidades seguras e confiáveis ao seu redor.

Os professores que trabalham com essa faixa etária compreendem que as rotinas básicas de alimentação, cuidados e higiene oferecem oportunidades para meninos e meninas aprenderem sobre o mundo que os cerca. A qualidade das interações entre adultos e crianças gera vínculos importantes, tanto emocionais quanto cognitivos. Os ambientes educacionais e familiares, com base nessa percepção, são pensados para

estimular o compartilhamento, a comunicação e o afeto.

O trabalho conjunto da equipe do centro infantil, da comunidade, das famílias e dos bebês cria um espaço interativo que busca compreender e promover positivamente o desenvolvimento desses indivíduos. Dessa forma, visualiza-se uma imagem comunitária do que deve ser: uma escola para todos e de todos. Assim, nas palavras de Peralta (2004), é fundamental "desenvolver nas crianças a capacidade de observação aguçada, de saber cheirar e ouvir suas línguas, e de poder convertê-las em recursos curriculares" (p. 94).

Admitir que aprendemos antes de nascer é uma premissa que formula uma pedagogia diferente. “Saber amar, apoiar e saber suscitar uma verdadeira pedagogia de oportunidades para as crianças do século XXI é o grande desafio dos educadores latino-americanos, em termos de um destino melhor para as novas gerações” (PERALTA, 2004, p. 95).

Essas ideias baseiam-se em uma série de considerações teóricas que são tomadas como base para a realização da investigação proposta nesse artigo, baseadas em uma pesquisa bibliográfica, pautada em autores que corroboram com o tema em questão.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS: UMA ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO NASCIMENTO AOS TRÊS ANOS

A educação infantil, do nascimento aos três anos, é uma fase fundamental no desenvolvimento das crianças. Nesse período, ocorrem importantes conquistas e marcos no desenvolvimento de habilidades essenciais, tais como a aquisição da linguagem, o início da locomoção, a interação social e o desenvolvimento da autonomia fisiológica. Para garantir um desenvolvimento integral saudável, é crucial fornecer estimulação e apoio adequados desde o início.

Nessa perspectiva, é importante considerar abordagens teóricas que vão além da dimensão biológica do desenvolvimento humano. Atualmente, compreendemos que o desenvolvimento das crianças é influenciado por fatores sociais e emocionais, que desempenham um papel fundamental em seu crescimento e bem-estar.

A educação infantil, nesse período inicial, requer uma abordagem holística e integrada, que envolva diversas áreas do conhecimento humano. É necessário compreender de forma abrangente o desenvolvimento das crianças, levando em consideração os processos de maturação e crescimento que ocorrem em interação com o ambiente ao seu redor.

A importância de estimular o desenvolvimento infantil nos primeiros anos de vida é amplamente reconhecida. Para isso, é essencial promover práticas educativas que considerem as necessidades individuais das crianças, oferecendo um ambiente seguro, acolhedor e estimulante. A interação afetiva e respeitosa entre adultos e crianças desempenha um papel crucial nesse processo, proporcionando vínculos emocionais saudáveis e favorecendo o desenvolvimento integral das crianças.

Ao adotar uma abordagem teórica na educação infantil do nascimento aos três anos, é possível garantir uma base sólida para o desenvolvimento futuro das crianças. Ao compreender e aplicar os princípios teóricos relevantes, os profissionais da área podem promover práticas educativas eficazes, que atendam às necessidades individuais das crianças e contribuam para o seu pleno desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional.

Na fase de desenvolvimento do nascimento até os três anos, as pessoas vivenciam conquistas fundamentais no desenvolvimento de habilidades, como falar, andar, relacionar-se com outras pessoas e praticar a autonomia fisiológica. Portanto, a estimulação e o apoio adequados e contínuos são de vital importância para o desenvolvimento integral delas.

Nesse sentido, Meléndez (2003) afirma que a era atual define abordagens e paradigmas nos quais o desenvolvimento humano não é concebido apenas a partir de uma perspectiva biológica, mas também de uma dimensão social, fundamentalmente emocional.

A necessidade de estimular o desenvolvimento das crianças envolve a integração de todas as ciências do esforço humano para compreender de forma abrangente o desenvolvimento das pessoas e seus processos de maturação e crescimento na interação com o meio ambiente. Em relação a isso, Meléndez (2003) propõe:

A importância de integrar conhecimentos sobre o desenvolvimento do ser humano para retornar ao seu próprio desenvolvimento, estratégias de proteção, estimulação, aprendizagem, planejamento e acompanhamento que tendem a preservar e melhorar a qualidade de vida de nossa espécie. (p.2)

Este autor garante que à medida que se avança no estudo do desenvolvimento humano, sabe-se que não só a hereditariedade determina o desenvolvimento de meninos e meninas nas suas diferentes áreas, mas também se especifica com base na "qualidade de suas relações e de seus afetos." quanto à provisão de recursos e oportunidades que se estabelecem no ambiente em que crescemos" (p. 2).

Esta afirmação é importante porque orienta o trabalho pedagógico com meninas e meninos, particularmente aqueles com menos de três anos de idade, uma vez que as intenções pedagógicas não são limitadas, não são delimitadas pelos conteúdos de um programa educativo, mas pelas necessidades de desenvolvimento humano que expressam e de acordo com as capacidades que devem ser construídas para o seu desenvolvimento harmonioso e feliz no grupo social ao qual pertencemos.

A educação e o cuidado de crianças de zero a cinco/seis anos, de caráter não-obrigatório e compartilhada com a família, desenvolvida em espaços institucionais não-domésticos, coletivos, públicos e privados, nomeados creches e pré-escolas. Além disso, creches e préescolas são consideradas instituições educacionais, que integram sistema de ensino, segundo regulamentação específica, consoante com a legislação educacional e correlata". (SILVA E VIEIRA, 2008, p. 5)

Uma consideração pedagógica importante no desenvolvimento de meninos e meninas é o contato humano saudável e afetuoso. Dessa forma, desenvolvemos suas habilidades de explorar e interagir no ambiente com o entorno.

Esta posição é reafirmada por Meléndez (2003), quando destaca que os estudos sobre o pensamento e o comportamento humanos são claros ao determinar que os bebês, desde o nascimento, preferem pessoas com contato humano. Eles respondem de forma mais expressiva a rostos e vozes do que a objetos como celulares ou saltos com sons.

Conforme observado nos parágrafos anteriores, durante os primeiros três anos de vida de um bebê ocorre um desenvolvimento acelerado de suas capacidades físicas e cognitivas. Nesta fase, desenvolvemos estratégias básicas de ação e controlamos suas emoções com base no seu ambiente social imediato.

Estas estruturas tornam-se mais refinadas e especializadas ao longo do segundo ano de vida à medida que se desenvolvem as suas capacidades de comunicação e exploração ambiental. Isso significa que o bebê tem intenções e desejos claros que pode satisfazer por si mesmo, em relação aos objetos ao seu redor.

À medida que homens e mulheres crescem, têm clara consciência de que "o outro" tem intenções, percebe as suas emoções e diferencia a intenção da ação. Neste sentido, é necessário que Meléndez (2003) aponte que o desenvolvimento de homens e mulheres seria permitir "...colocar em prática todas as competências de autonomia que conseguiu desenvolver, no quadro da segurança oferecida ao seu círculo familiar mais próximo" (p. 5).

Pitluk (2001) afirma que os primeiros três anos de vida humana são essenciais para o desenvolvimento do cérebro humano. Este potencial neurológico aumenta graças à qualidade das interações das crianças com o seu ambiente e com os seus pares.

É por esta razão que o referido autor destaca que a função pedagógica de dois centros infantis centra-se na intencionalidade dos seus fins educativos, que inclui a educação de meninos e meninas menores de três anos de acordo com o seu nível evolutivo, a sua capacidade de aprendizagem e seu emocional. Desenvolver e valorizar sua individualidade, dentro de um processo educativo relevante e oportuno.

Bebês e crianças, desde o momento da concepção, são seres em desenvolvimento e sujeitos a direitos, com potencialidades biopsicossociais, que a educação delineia para a autorrealização pessoal, num processo de educação permanente que promove a participação ativa dos bebês e não dos grupos sociais a que pertence (Peralta, 2004).

Peralta (2004) afirma que o contexto atual exige que meninos e meninas sejam valorizados como seres emocionais e conhecedores que carregam consigo, desde o nascimento, uma bagagem genética que lhes permite continuar seu desenvolvimento graças às experiências de aprendizagem que um ambiente proporciona afeto, proteção e oportunidades, onde o interesse supremo das crianças está no quadro de valores divididos orienta o trabalho formativo dos adultos" (p. 89).

O VÍNCULO AFETIVO COMO PARTE FUNDAMENTAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL

O vínculo é considerado uma relação única, específica e duradoura entre duas pessoas. É um processo de vida que começa com um sistema interativo e recíproco entre cada vez mais crianças e crianças. Da mesma forma, o apego é considerado um sistema cerebral natural que evolui de diferentes maneiras, influenciando e organizando processos de memória motivacional e emocional na relação com figuras primárias de

parentalidade e afeto (Kennel e Kalus, citado por Wright, 2007).

A LDB 9394/96 estabelece em seu artigo 29 e 30 que Art. 29.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Art. 30. A educação infantil será oferecida em: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade (BRASIL, 1996, p.22).

Vargas e Polaino-Lorente (1996, p. 33, citado por Meléndez, 2003, p. 7), afirmam que "o apego consiste num vínculo afetivo, estável e consistente que se estabelece entre uma criança e sua mãe, como um resultado de uma interação entre vocês dois." A ausência de estimulação e atenção durante os três primeiros anos de vida traz consequências para o desenvolvimento adulto das pessoas, provocando alterações no desenvolvimento emocional, inteléctual, linguístico, social e físico.

Portanto, os centros educacionais, principalmente aqueles que atendem essa população, devem encontrar espaços que promovam esses vínculos afetivos entre eles, o país e as crianças precisam dessa figura de apego.

Gutman (2001) afirma que a função do professor, nesse sentido, é considerar o fato de "ser mãe de bebês", ou seja, suas interações com os bebês e os bebês devem ter a mesma ternura de uma mãe com seus filhos.. Gutman (2001) indica que isso implica "o reflexo de ser um bebê e ser mais pensado sob seu próprio ângulo, ou significa imaginar como se sente, ou que exige o que não sabe sobre si mesmo, porque nosso objeto de trabalho é todo dia." (p. 76).

A incorporação de mais pessoas ao mercado de trabalho durante o século passado mobilizou um processo social na relação daqueles que apoiam a formação e a educação dos filhos e das famílias destas mulheres. Por isso, foram criados espaços para atender a população menor de três anos, enquanto se trabalha mais (Pitluk, 2001).

A respeito dessa ideia, Pitluk (2001) afirma que a educação inicial é essencial para o desenvolvimento social e para aumentar as possibilidades de aprendizagem e potencializar as capacidades dos bebês. A partir desta abordagem, promove-se uma educação aberta e integral: aberta às famílias e às suas necessidades, sem qualquer tipo de discriminação; um currículo holístico, que vê homens e mulheres como seres integrados com necessidades especiais, "abordando os aspectos intelectuais, físicos, sociais e emocionais" (Pitluk, 2001, p. 7).

A preocupação com o desenvolvimento emocional da criança pequena resultou em propostas nas quais, principalmente nas creches, os profissionais deveriam atuar como substitutos maternos. Outra tendência foi usar o espaço de educação infantil para o desenvolvimento de uma pedagogia relacional, baseada exclusivamente no estabelecimento de relações pessoais intensas entre adultos e crianças. (BRASIL, 1998, p.18).

O cuidado do bebê desde o nascimento é considerado um nível educacional com intencionalidade própria, não sendo considerado uma preparação para a educação formal, ao ingressar na escola, mas como parte fundamental e com caracterização própria no processo de ensino e aprendizagem humano. Uma intervenção didática na estrutura das brincadeiras oferecidas aos bebês, conseguindo a articulação de dois componentes didáticos, por meio do planejamento das experiências que só são executadas com as necessidades que surgem nesta fase da infância em todas as dimensões. Conforme proposto os jogos consideram aspectos como materiais e recursos, espaços, instruções e intervenções pedagógicas (Moreau e Pitluk, 2001).

Bebês e crianças são os principais protagonistas do mundo humano, anos em que devemos estar munidos de ferramentas de elevada qualidade emocional e cognitiva que lhes permitam ter uma educação integral, com o objetivo de desenvolver plenamente as suas capacidades e considerar as suas limitações. Trata-se de garantir que aprendemos a lidar com eles, dentro do contexto da nossa situação atual.

É importante gerar sentimentos de carinho, amizade, camaradagem e respeito entre essas crianças, aumentando a sensibilidade e abrindo espaços de ternura para potencializar suas capacidades.

É de extrema importância que o corpo docente procure incluir os contextos sociais em que as crianças se desenvolvem. Um desses ambientes é essencial para a família, pois é elemento indispensável no processo de desenvolvimento e aprendizagem de meninos e meninas menores de três anos.

O trabalho conjunto realizado entre a escola de educaçã infantil e a família contribui para o desenvolvimento ideal das crianças nestas entidades; Além disso, fortalece e consolida os laços entre o bebê e a instituição. Gerstenhaber (2001) afirma que

a sobrevivência das crianças depende, em grande medida, da proximidade que estas têm com os adultos que as rodeiam, que, na maioria das vezes, apenas os seus familiares que, por sua vez, suprem as suas necessidades e assim precisa interesses de acordo com os sinais que comunicam.

É importante que a atenção oferecida aos bêbes e crianças na escola de educação infantil seja semelhante à que recebem em casa, pois não é prejudicial, procurando manter a continuidade e a harmonia equilibrada para gerir adequadamente a criação e a educação coordenada. Portanto, é preciso falar como país sobre a forma como eles costumam acalmar o filho ou filha, bem como a forma como demonstram amor e estabelecem rotins; tentar manter um ambiente semelhante ao da casa do centro. Da mesma forma, o corpo docente tem a obrigação de informar discretamente o país sobre qualquer comportamento que o menino ou menina apresente, para traçar uma linha de intervenção por mútuo acordo.

Com base nas considerações teóricas indicadas, é realizada uma investigação diagnóstica junto de um conjunto de professores, famílias e centros infantis com experiência em formação, cuidado e educação na fase de nascimento de três anos, para obter a sua opinião sobre o que consideram importante fazer e oferecer a meninos e meninas desde a primeira infância.

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo em que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. (BRASIL, 2018, p.40).

Percebemos a partir da experiência adquirida em diferentes áreas do país que a inventividade das crianças revela-se de maneira marcante e infinita, demandando profissionais da educação com habilidades para explorá-la e obter resultados capazes de gerar transformações em sua personalidade.

Outra constatação relevante é que, apesar de algumas iniciativas isoladas que estão sendo implementadas no Brasil em relação ao modelo de ensino infantil proposto no projeto educacional para crianças, ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar um nível de qualidade desejado, especialmente no caso do ensino público, devido aos desafios estruturais, sociais e culturais que fazem parte da formação educacional das crianças.

A CRIANÇA E A FASE INFANTIL

A palavra "criança" é compreendida como a ausência de maturidade, idade adequada ou integração social apropriada. Portanto, essa definição está longe de se limitar apenas à idade, uma vez que está relacionada a certos papéis e desempenhos específicos, os quais dependem intimamente da classe social na qual a criança está inserida.

Sua participação na produção, o tempo de frequência escolar, o processo de socialização dentro da família e da comunidade, bem como as atividades cotidianas, variam de acordo com a posição da criança e de sua família na estrutura socioeconômica. Se essa inserção social difere, não podemos pressupor a existência de uma população infantil homogênea, mas sim reconhecer diferentes populações infantis com processos desiguais de socialização.

Ao adotarmos uma visão abstrata da infância, estamos considerando a criança como uma "natureza infantil", desvinculada de suas condições de vida objetivas e das relações de produção existentes na realidade. Compreender a criança em relação ao contexto social, e não apenas como uma "natureza infantil", é o princípio central dessa definição. Com o objetivo de fundamentar essa abordagem, apresentamos aqui três linhas de reflexão básicas, segundo Sonia Kramer (1987, p. 39):

A primeira tem o objetivo de apontar como o sentimento e a valorização atribuídos à infância nem sempre existiram da forma como atualmente são conhecidos e defendidos, tendo sido determinados à partir de modificações econômicas e política da estrutura social.

A segunda trata especificamente da ideia de infância no pensamento pedagógico, mostrando o significado tanto da pedagogia “tradicional” quanto a “nova”. O objetivo é mostrar como essas concepções estão presente uma concepção de infância baseada na natureza infantil. A terceira apresenta um estudo sobre a abordagem da privação cultural, base teórica da educação compensatória.

Percepção da fase infantil não implica na mesma emoção em relação aos jovens, representando o reconhecimento da singularidade da juventude, isto é, o que dife-

rencia os jovens dos adultos e os torna potenciais adultos, dotados de potencial para evoluir.

No que diz respeito ao ambiente social que molda o surgimento desse tipo de percepção, é necessário destacar dois elementos, conforme apontado pelo historiador Philippe Ariès:

Era muito alto o índice de mortalidade infantil que atingia as populações e quando sobrevivia, ela entrava diretamente no mundo dos adultos. É importante acentuar que essa mortalidade continua hoje a ser regra geral para os filhos de classes dominadas em países de economia dependente.

O sentimento moderno de infância corresponde a duas atitudes contraditórias que caracterizam o comportamento dos adultos até hoje: uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é paparicada pelos adultos e outra surge junto com a primeira, mas se contrapõe a ela, tomando a criança como um ser imperfeito e incompleto, que necessita da educação feita pelo adulto.

Este duplo sentimento é a nova função efetiva que a instituição familiar assume e começa na burguesia até chegarmos ao povo. É bom esclarecer que não é a família que é nova, mas o sentimento de família que surge no momento, inseparável do sentimento de infância. O reduto familiar, torna-se então cada vez mais privado e esta instituição vai assumindo funções antes destinadas para a comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A instituição educacional desempenha um papel fundamental na sociedade contemporânea, sendo uma referência crucial para a integração dos indivíduos na vida social. Sua relevância como elemento-chave no desenvolvimento social a torna uma ferramenta essencial na vida da população ocidental.

A escola de Educação Infantil, assim como outras instituições sociais, passou por um significativo processo de transformação impulsionado pelas demandas da nova sociedade. Neste momento, é necessário abordar um novo cenário educacional no qual alguns elementos essenciais dessa instituição social, incluindo suas funções, estão destinados a mudar.

Diversas pesquisas têm confirmado a importância, para as crianças e seu futuro escolar, de vivenciarem essa transição de maneira positiva. Essa experiência bem-sucedida contribui para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, competências cognitivas e a construção de uma base sólida de conhecimentos.

Em função de inúmeras transformações ocorridas no contexto nacional, bem como da preocupação com a segurança e o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, a educação se tornou um tema central em diversos debates sobre políticas públicas.

Nesse sentido, houve significativas mudanças em relação às concepções de como a criança é inserida na sociedade, qual é o seu papel e também no que diz respeito ao seu desenvolvimento e à educação. No entanto, mesmo diante dos avanços ocorridos no âmbito legal, tecnológico e científico em relação aos direitos das crianças e à busca por uma Educação Infantil de melhor qualidade, ainda persiste uma discrepância entre o que está documentado e a realidade das escolas infantis pelo país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FUJIMOTO, G. (maio de 2002). Atenção integral na primeira infância: os desafios do século XXI. Trabalho apresentado no II Foundo de Educação Inicial e Pré-Escolar,

México, Monterrey. Disponível em: http://www.cendi.org/interiores/encuentro2002/arch/p_gaby.htm. Acesso em 01 mai.2024.

KATZ, L. (2005). Perspectivas educacionais na primeira infância . Santiago, Chile:

Edições Lom.

KRAMER, Sonia. A política do pré-escolar no Brasil – a arte do disfarce. Rio de Janeiro: Editora Dois Pontos, 1987.

MELÉNDEZ, L. (2003). Novas ideias sobre como estimular o desenvolvimento integral das crianças . Palestra de abertura apresentada na comemoração do 15º

Aniversário do INEINA. Heredia, Costa Rica: Instituto de Estudos Interdisciplinares de

Crianças e Adolescentes, Universidade Nacional. Disponível em: http://66.160.203.127/CMS/images/stories/variospdfs/ladyestimulacion2003.pdf.

Acesso em 01 mai.2024.

PERALTA, MV (2002). Uma pedagogia de oportunidades. Novos calçados para as creches latino-americanas do século XXI . Buenos Aires: Andrés Bello Editorial. PITLUK, L. (2001). O jardim de infância: uma instituição educacional. In L. Pitluk (Coord.), Jardim de Infância III, Um desafio em favor da infância (Coleção 0 a 5,

Educação infantil, pp. 6-21). Buenos Aires: Edições de Notícias Educacionais.

SANZ, R. (2006). Educação infantil de 0 a 3 anos. Um guia prático . Valladolid, Espanha: Editorial de la Infancia.